

4

Aula Magna na V Cúpula Regional para o Desenvolvimento Político e os Princípios Democráticos

AUDITÓRIO DO MEMORIAL JK, BRASÍLIA, DF, 3 DE JULHO DE 1997

1ª parte

Senhor Diretor-Geral da Unesco, Frederico Mayor; Senhores Ministros de Estado que me dão a honra da companhia; Senhor Governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque; Senhores Senadores; Senhores Deputados; aqui, hoje, temos a honra de ver, falando dos que vejo, o ex-Presidente da República, Presidente Sarney, o Presidente Patricio Aylwin e o de Costa Rica, também, Professor José Maria Figueres. Enfim, estamos aqui com uma assembléia entusiasmante; Senhores participantes desta V Cúpula Regional para o Desenvolvimento Político e os Princípios Democráticos,

Ao aceitar o desafio que foi feito pelo meu amigo Frederico Mayor, para que viesse conversar sobre um tema que, hoje, melhor se situa no âmbito acadêmico do que propriamente no âmbito político, no qual estou imerso, eu aceitei com prazer, porque todas as oportunidades – que não são tantas – nas quais as pessoas que exercem funções públicas têm a possibilidade de conviver com aqueles que exercem as funções acadêmicas, intelectuais em geral – o que nos obriga, portanto, ao esforço de reflexão – são preciosas para quem está no exercício de funções públicas.

Tenho certeza de que as pessoas que aqui mencionei e muitas outras mais que aqui estão e que têm, também, essa experiência sabem avaliar adequadamente o significado e as dificuldades de se discutirem problemas de tipo conceitual, mas que se referem a práticas políticas. É o caso, aqui.

Naturalmente não tenho hoje mais as condições de lazer que me permitiriam, talvez, elaborar um tanto mais as poucas observações que desejo trazer-lhes para este encontro, que sei que é uma súplica ou é o coroamento de um conjunto de encontros já havidos e que tiveram muita repercussão, notadamente pela presença do Ministro Weffort. Eu pude saber de algumas das repercussões havidas em outros âmbitos, em outros países, com reuniões semelhantes.

Discutir a governabilidade é algo sempre necessário e desafiante. Se me permitem, eu começaria por uma reflexão de âmbito bem geral e que diz respeito, certamente, não às angústias diretamente nossas aqui, no Brasil, nem na América Latina, mas às angústias de todos os que exercem o poder no mundo e que fazem algum esforço de reflexão sobre as condições de preservação e de ampliação da democracia.

Nós vivemos uma fase muito especial da história da Humanidade. E uso palavras talvez pomposas: história da Humanidade. Por quê? Porque, sabidamente, nós estamos vivendo uma fase na qual alguns sonhos do passado – e pesadelos também – se estão incorporando à vida cotidiana, como a famosa questão da globalização, que os franceses chamam de mundialização.

(Esqueci de citar – eu o vejo agora – o ex-Presidente Jaime Paz, que aqui está conosco, também.)

Globalização, Mundialização. Pois bem. Isso tem conseqüências imensas. É um processo, um fenômeno que foi apontado em vários momentos da História e que, no âmbito da literatura, das ciências sociais, muito antes que fosse perceptível como uma realidade positiva sobre o comportamento das nações e dos povos, era percebido como um fenômeno que dizia respeito à comunicação.

Então, eu dizia que a literatura percebeu uma das intenções desse processo antes que ele fosse sentido de forma mais imediata e mais direta.

A dimensão que primeiro foi percebida foi a possibilidade de, através das revoluções nas comunicações, existir o que então se chamava aldeia global – a interconexão, de uma maneira quase que imediata, dos eventos que ocorriam ao mesmo tempo em várias regiões do mundo.

Bem, essa percepção já permitiu uma certa literatura a respeito da matéria e desencadeou uma série de temores, também, quanto ao que significaria essa possibilidade, que hoje se transformou em realidade, de que a humanidade, no seu conjunto, tomasse conhecimento simultaneamente de eventos que estavam ocorrendo discretamente em várias regiões do planeta.

Mas até aí se tinha uma sensação de que haveria uma possibilidade de efeitos globalizadores que poderiam, talvez, até perturbar, do ponto de vista cultural, aquilo que seria a autenticidade das expressões culturais locais – eu voltarei, mais adiante, ao tema –, mas ainda não se tinha presente algo que era muito mais vinculante, ou seja, a globalização do processo produtivo.

Esse é, então, um dado inescapável da realidade contemporânea. Nós estamos assistindo à interligação dos sistemas produtivos e à dispersão, no espaço, do processo produtivo, de tal maneira que há uma complementaridade, nem sempre não assimétrica, freqüentemente assimétrica; mas há uma complementaridade, em nível internacional, do processo produtivo.

